



C A P Í T U L O 9

DROGAS ALUCINÓGENAS E O SISTEMA NERVOSO

Arthur Thiago Crochiquia da Silva

Estudante do 3º ano do Ensino Médio, Colégio Adventista de Bragança Paulista - CABP, Brasil

Guilherme Carvalho Nogueira

Estudante do 3º ano do Ensino Médio, Colégio Adventista de Bragança Paulista - CABP, Brasil

Luciane de Souza Oliveira Valentim

Professora Orientadora Mestre do Colégio Adventista de Bragança Paulista - CABP, Brasil

Amanda Miranda Cintra

Professora Coordenadora do Colégio Adventista de Bragança Paulista - CABP, Brasil

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo explicar o que são as drogas alucinógenas, como o sistema nervoso funciona e de que forma essas substâncias o afetam. A crescente disseminação do uso de drogas psicodélicas entre a população jovem, aliada à desinformação e à ausência de políticas públicas eficazes, motivou a realização desta pesquisa. O estudo se baseia em uma investigação bibliográfica, reunindo informações sobre a definição e a história das drogas alucinógenas, os mecanismos de ação no sistema nervoso, seus efeitos fisiológicos e psicológicos, os riscos associados ao uso e as perspectivas terapêuticas apontadas por estudos recentes. Considerando a ampla gama de alucinógenos e suas diferentes aplicações históricas, culturais e contemporâneas, é fundamental reconhecer tanto os potenciais benefícios terapêuticos quanto os desafios éticos, sociais e de saúde pública que envolvem seu uso. A segurança, a regulamentação e o respeito às práticas tradicionais devem ser prioridades na condução de pesquisas e políticas sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: drogas alucinógenas; sistema nervoso; psicodélicos.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, diferentes civilizações utilizaram substâncias com propriedades psicoativas para diversos fins: religiosos, medicinais e recreativos. Entre essas substâncias estão os alucinógenos, compostos naturais ou sintéticos que provocam alterações significativas na percepção sensorial, no humor e na consciência.

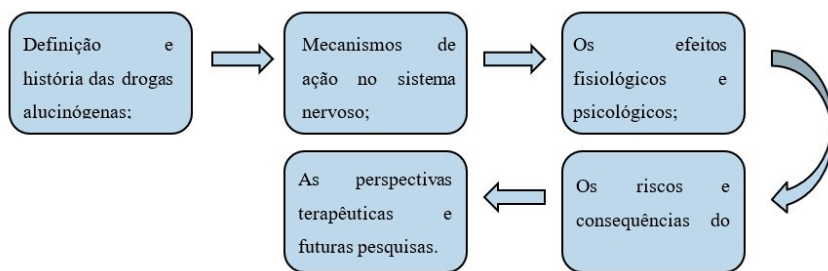
Nos últimos anos, o interesse científico por essas drogas ressurgiu, especialmente por seu potencial terapêutico no tratamento de transtornos psiquiátricos resistentes aos tratamentos convencionais. Ao mesmo tempo, o uso indevido e descontrolado dessas substâncias continua gerando riscos sérios à saúde pública, exigindo atenção e reflexão crítica.

O objetivo dessa pesquisa é mostrar o que são as drogas alucinógenas, como o sistema nervoso funciona e de que forma os alucinógenos atuam sobre ele. Para isso, o trabalho apresenta um panorama histórico sobre essas substâncias, explica os mecanismos neuroquímicos que estão por trás de seus efeitos, analisa os impactos físicos e psicológicos do uso prolongado e discute as possibilidades de uso terapêutico em contextos controlados.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Por meio de pesquisas na internet desbravamos grande parte do que é denominado como sendo drogas alucinógenas, mostrando sua definição e história, evidenciando os mecanismos de ação do sistema nervoso, mostrando quais os efeitos fisiológicos e psicológicos, ilustrando os riscos e as consequências do uso e por fim as perspectivas terapêuticas e futuras pesquisas na área.

Imagem 1: Etapas do trabalho



Fonte: Próprio Autor

Definição e história das drogas alucinógenas

As drogas alucinógenas, também conhecidas como psicodélicas, são substâncias naturais ou sintéticas que alteram a percepção, o humor e diversos processos cognitivos. Elas podem provocar alucinações visuais, auditivas e táteis, alterações na percepção do tempo e do espaço, bem como mudanças na consciência. “Essas drogas afetam principalmente o sistema serotoninérgico do cérebro, que é responsável por controlar nosso humor e bem-estar” (Oliveira et al., 2021, p. 1).

Embora não existam muitos registros sobre o uso dessas substâncias na Antiguidade, há indícios pontuais, geralmente relacionados a contextos medicinais e religiosos. Esses registros, no entanto, não permitem afirmar com certeza sobre seu uso recreativo nesse período. Evidências arqueológicas, porém, sugerem a existência de um comércio internacional de drogas desde cerca de 1000 a.C. Esses dados parecem ter sido intencionalmente omitidos por escritores da época e por seus tradutores. As duas drogas predominantes nesse período eram o ópio e a maconha. Pesquisas rigorosas realizadas nas duas primeiras décadas do século XXI revelaram padrões de uso dessas substâncias anteriormente desconhecidos.

Representações da papoula em estátuas e gravuras sugerem que a planta era valorizada não apenas por sua aparência. Arqueólogos identificaram que, por volta de 1600 a.C., já eram produzidos frascos contendo papoula. Em 2018, a revista *Science* divulgou que essas cápsulas, encontradas no Egito e em regiões próximas, continham não apenas ópio, mas também outras substâncias psicoativas. A simetria e sofisticação desses recipientes indicam a existência de um sistema organizado de produção e comércio. Araújo (2018) reforça que essas evidências indicam o uso de drogas alucinógenas na Antiguidade.

Durante a Idade Média, Paris tornou-se um dos centros do uso de drogas alucinógenas na Europa. Membros da realeza, inclusive o rei Luís XIV, faziam uso de entorpecentes em festas. O consumo dessas substâncias era frequentemente associado ao ocultismo e à perseguição religiosa. “Certa vez, um fungo proveniente de grãos de centeio, chamado ergot, causou um surto de envenenamento em massa na Europa, conhecido como ergotismo” (Araújo, 2018, p. 16).

No século XX, o uso das drogas alucinógenas foi amplamente difundido, com o surgimento de novas variantes. O químico suíço Albert Hofmann, ao tentar desenvolver um estimulante para a circulação sanguínea, acabou sintetizando o LSD a partir do ergot — o mesmo fungo mencionado anteriormente. “Ele sabia que, apesar dos efeitos negativos, o ergot era capaz de conter hemorragias durante o parto, por exemplo. Hofmann o sintetizou, criando o LSD, inicialmente chamado de Delysid, que foi utilizado no tratamento de fobias e neuroses, mas com a contraindicação de causar alucinações” (Oliveira et al., 2021, p. 5).

Contudo, Hofmann desconhecia a dosagem ideal, e relatou sua primeira experiência da seguinte forma:

“Os objetos e o aspecto dos colegas de trabalho pareciam sofrer mudanças ópticas. Não conseguindo me concentrar em meu trabalho, num estado de sonambulismo, fui para casa, onde uma vontade irresistível de me deitar apoderou-se de mim. Fechei as cortinas do quarto e imediatamente caí em um estado mental peculiar, semelhante à embriaguez, mas caracterizado por fantasias de imaginação. Com os olhos fechados, figuras fantásticas de extraordinária plasticidade e coloração surgiram diante de meus olhos.” (Hofmann, 1980)

Nas décadas de 1950 e 1960, o movimento hippie popularizou o uso de alucinógenos. Em um contexto marcado por guerras, repressões e a ditadura militar no Brasil, essas substâncias passaram a ser vistas por muitos como símbolo de liberdade (Carvalho, 2002).

Na década de 1970, mais precisamente em 1973, foi criado o Cartel de Medellín, liderado por Pablo Escobar, tornando-se a maior organização de narcotráfico da época. “O cartel chegava a faturar 60 milhões de dólares por dia, tendo a cocaína como principal produto, somando aproximadamente 40 bilhões de dólares por ano durante 17 anos, até seu fim em 1993” (Lopes, 2022). Esse dado ilustra a magnitude que o crime organizado pode alcançar.

Atualmente, observa-se um crescimento alarmante no número de usuários de drogas, tanto lícitas quanto ilícitas. Os Estados Unidos enfrentam uma crise grave provocada pelo uso abusivo de opióides legais. O médico russo Mikhail Bulgákov, já em 1925, alertava sobre o vício causado por medicamentos como a morfina:

“Em uma palavra, a pessoa deixa de existir. Está desconectada. É um cadáver que se move, se deprime e sofre. Não deseja nada nem pensa em nada que não seja morfina.” (Bulgákov, 1925)

Hoje, uma substância ainda mais potente, o fentanil — cerca de 100 vezes mais forte que a morfina —, é a principal responsável pela crise de opióides nos EUA.

Segundo relatório da ONU, “296 milhões de pessoas usaram drogas em 2021”, o que representa um aumento de 45% em 10 anos. A maconha continua sendo a droga mais utilizada (“Relatório Mundial sobre Drogas 2023 do UNODC”, [s.d.]).

Apesar dos riscos e controvérsias, cresce o interesse da comunidade científica pelo uso terapêutico de substâncias psicodélicas. O professor João Paulo Machado de Souza, em entrevista ao Jornal da USP, comentou:

“Estudos recentes de vários grupos de pesquisa, inclusive no Brasil, vêm demonstrando o potencial dessas substâncias no tratamento da depressão, ansiedade e dependência de drogas. No entanto, é muito importante lembrar que são estudos preliminares e que nenhuma dessas substâncias está autorizada para uso médico no Brasil.” (Minuto Saúde Mental #20, 2021)

Crippa, Zuardi e Hallak (2010) complementam: “Apesar do estrago que essas drogas têm gerado ser gigantesco, elas podem ajudar no tratamento de doenças terríveis”.

Mecanismos de Ação no Sistema Nervoso

O sistema nervoso é responsável por receber, interpretar e responder a estímulos, sendo fundamental para a percepção do mundo à nossa volta. Ele é composto por duas partes principais: o sistema nervoso central (SNC) e o sistema nervoso periférico (SNP).

O SNC é formado pelo encéfalo e pela medula espinhal. Essa estrutura é responsável por processar e interpretar os estímulos sensoriais, além de coordenar respostas motoras e cognitivas. É protegido por estruturas ósseas (como o crânio e a coluna vertebral) para evitar danos. O cérebro processa as informações e comanda as funções do corpo, enquanto a medula espinhal atua como via de comunicação entre o cérebro e o restante do organismo.

O SNP, por sua vez, conecta o SNC ao restante do corpo. Ele é dividido em sistema somático e sistema autônomo. O sistema nervoso somático controla os movimentos voluntários e transmite sensações ao SNC. Já o sistema nervoso autônomo regula funções involuntárias, como a frequência cardíaca, a respiração e a digestão.

O funcionamento do sistema nervoso envolve a transmissão de sinais elétricos e químicos entre neurônios, as células especializadas da rede neural. Quando um estímulo é detectado por células sensoriais, os neurônios transmitem sinais elétricos por suas fibras axonais. Nas sinapses, as conexões entre os neurônios, são liberados neurotransmissores, substâncias químicas que permitem a comunicação entre essas células (Paresque, 2015, p. 1).

As drogas alucinógenas interferem diretamente nesse processo. Elas atuam nos neurotransmissores e seus receptores, provocando distorções na realidade, alterações na percepção e experiências emocionais intensas.

Serotonina

A maioria dos alucinógenos, como o LSD e a psilocibina (presente em certos cogumelos), atua sobre os receptores de serotonina, especialmente os do tipo 5-HT_{2A}, que estão relacionados à percepção sensorial, ao humor, à cognição e ao sono. Essa interação é responsável por grande parte das alterações perceptivas e emocionais relatadas durante o uso dessas substâncias.

Os alucinógenos alteram a comunicação entre diferentes regiões cerebrais, principalmente aquelas envolvidas na integração sensorial. Isso pode gerar um cruzamento incomum entre sentidos (como a sinestesia), distorções na noção de tempo e espaço e alterações na percepção da própria identidade. Em outras palavras, áreas do cérebro que normalmente não se comunicam passam a trocar informações de forma intensa e desordenada.

Além de modificar a percepção, os alucinógenos podem provocar intensas mudanças emocionais, experiências de caráter místico ou espiritual e introspecções profundas. Esses efeitos são altamente variáveis, dependendo da dose, do contexto, do estado emocional e da sensibilidade individual (De Oliveira et al., 2021, p. 1).

Nos últimos anos, diversas pesquisas têm explorado o potencial terapêutico dos alucinógenos no tratamento de doenças como depressão resistente, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e dependência química. Esses compostos podem facilitar mudanças psicológicas profundas, embora seu uso clínico ainda esteja em fase experimental e dependa de regulamentações rigorosas. O avanço das pesquisas reforça a necessidade de se compreender tanto os riscos quanto os benefícios dessas substâncias, que podem representar caminhos promissores no tratamento de condições de difícil manejo (Vecchia et al., 2023, p. 1).

Os neurotransmissores são fundamentais na comunicação entre os neurônios e regulam diversas funções mentais e físicas. A seguir, apresenta-se um resumo com base em Metzger (2009):

Serotonina

Função: Regulação do humor, sono, apetite e ciclo circadiano.

Localização: Córtex pré-frontal, hipocampo e sistema límbico.

Receptores principais: 5-HT_{1A} e 5-HT_{2A}.

Distúrbios relacionados: Depressão, ansiedade e transtornos alimentares.

Dopamina

Função: Controle da motivação, prazer, movimento e aprendizado.

Localização: Núcleo accumbens, córtex pré-frontal e sistema límbico.

Receptores principais: D₁ e D₂.

Distúrbios relacionados: Vício, esquizofrenia, TDAH.

Glutamato

Função: Principal neurotransmissor excitatório; essencial para plasticidade sináptica, aprendizado e memória.

Receptores principais: NMDA, AMPA, metabotrópicos

Distúrbios relacionados: Alzheimer, esquizofrenia e doenças neurodegenerativas.

Esses sistemas bioquímicos estão diretamente envolvidos nos efeitos das drogas alucinógenas e também em sua aplicação potencial como ferramentas terapêuticas.

Efeitos Fisiológicos e Psicológicos

Os efeitos causados pelas substâncias psicoativas variam de acordo com o tipo de droga, a dosagem, a forma de administração e as condições físicas e emocionais do usuário. Abaixo estão descritos os principais efeitos fisiológicos observados em diferentes classes de substâncias:

Estimulantes:

No cérebro, promovem uma maior liberação de dopamina e norepinefrina, resultando em euforia, aumento da energia, estado de alerta e agitação. Fisicamente, causam aceleração dos batimentos cardíacos, elevação da pressão arterial, dilatação das vias respiratórias, aumento da temperatura corporal, redução do apetite e dilatação das pupilas.

Opióides:

Atuam nos receptores opióides, proporcionando alívio da dor, euforia e redução da ansiedade. No corpo, os efeitos incluem dificuldade respiratória, constipação, tontura, vômito, miose (contração das pupilas) e queda da pressão arterial.

Alucinógenos:

Interagem principalmente com os receptores de serotonina, provocando distorções perceptuais e sensoriais, alucinações visuais e auditivas, alterações de humor e da consciência. Também geram aumento da frequência cardíaca, elevação da pressão arterial, dilatação das pupilas, sudorese intensa, tremores e dificuldade de concentração.

Depressores do sistema nervoso central:

Aumentam a atividade do neurotransmissor GABA, promovendo relaxamento muscular, redução da ansiedade e sonolência. Seus efeitos físicos incluem fala arrastada, perda da coordenação motora, hipotensão, confusão mental e, em doses elevadas, falência respiratória.

Experiências Subjetivas

As experiências subjetivas variam bastante entre os indivíduos e dependem de fatores como expectativa, ambiente social, estado emocional e histórico de uso. Faria et al. (2021, p. 138) observam que:

“As experiências psicodélicas produzidas pelos alucinógenos parecem provocar mudanças positivas de atitude, humor e comportamento, que, muitas vezes, são assimiladas de maneira mística, transformando as ações e o pensamento dos usuários.”

A seguir, são listadas as principais características perceptivas e subjetivas de cada classe de droga:

Estimulantes:

Efeitos subjetivos: pico de energia, euforia, hiperatividade, autoconfiança elevada, insônia e aceleração do pensamento.

Percepções sensoriais: aumento da acuidade visual e auditiva, intensificação das cores e dos sons, sensibilidade emocional aumentada.

Opioides:

Efeitos subjetivos: relaxamento profundo, tranquilidade emocional, sensação de calor e conforto físico.

Percepções: alívio de dores, sensação de acolhimento e distanciamento emocional.

Alucinógenos:

Efeitos subjetivos: perda da noção de tempo e espaço, intensificação de emoções, maior introspecção e criatividade.

Percepções: alucinações visuais, percepção das cores mais vivas, sinestesia (mistura dos sentidos), sensação de conexão com o universo ou com a natureza.

Depressores:

Efeitos subjetivos: sensação de embriaguez leve, redução da ansiedade, aumento da sociabilidade.

Percepções: fala arrastada, dificuldade cognitiva, lentidão dos reflexos e desinibição.

Essas experiências são altamente dependentes do contexto e do perfil psicológico de cada indivíduo. Enquanto algumas pessoas relatam vivências transformadoras, outras podem sofrer com efeitos colaterais como ansiedade, paranoia, crises de pânico ou dissociações.

Nos últimos anos, pesquisas têm apontado possíveis benefícios terapêuticos, especialmente no caso da Cannabis, como evidenciado por Iverson (2003), que afirma:

“No século XIX, a cannabis foi amplamente utilizada para o alívio da dor. Na atualidade, essa propriedade está sendo novamente estudada, embora muitos estudos não demonstrem que ela supere os medicamentos existentes no mercado.”

Dentre os benefícios terapêuticos observados com o uso controlado da Cannabis, destacam-se:

Redução da dor crônica; Controle da espasticidade em doenças como esclerose múltipla; Redução de náuseas e vômitos provocados por quimioterapia; Estímulo ao apetite em pacientes com HIV/AIDS.

Apesar dessas evidências, é essencial que o uso terapêutico seja supervisionado por profissionais da saúde e regulamentado por órgãos competentes, a fim de evitar riscos associados ao uso inadequado dessas substâncias.

RISCOS E CONSEQUÊNCIAS DO USO

O uso contínuo de drogas psicoativas pode levar a sérios impactos na saúde física, mental e emocional. Entre os principais riscos, destacam-se a dependência, a tolerância e os transtornos psiquiátricos.

Dependência

A dependência é caracterizada pela necessidade compulsiva de consumir a substância, mesmo diante de consequências negativas. Pode ser física, quando o corpo se adapta à droga e apresenta sintomas de abstinência na ausência dela; ou psicológica, quando o usuário desenvolve um apego emocional e comportamental à substância.

Aspectos físicos: incluem tremores, sudorese excessiva, insônia, dores musculares, náuseas e tontura.

Aspectos psicológicos: envolvem obsessão pela substância, perda de controle do uso, negligência de outras áreas da vida e recaídas constantes.

“No Brasil, casos de dependência de opioides foram relatados com notável frequência até a metade dos anos 1930.” (Faria et al., 2021, p. 134)

Tolerância

A tolerância ocorre quando o organismo passa a exigir doses maiores da substância para produzir os mesmos efeitos obtidos anteriormente com doses menores.

Esse fenômeno aumenta significativamente o risco de overdose.

Mecanismos: adaptações nos receptores neurais, redução na sensibilidade aos neurotransmissores ou mudanças no metabolismo.

Consequências: aumento da dose consumida, dificuldade no tratamento da dependência e maior risco de morte por superdosagem.

Ciclo vicioso: Dependência e tolerância estão frequentemente associadas, formando um ciclo difícil de romper. O uso contínuo gera tolerância, o que, por sua vez, leva a um aumento do consumo, agravando a dependência.

O uso de substâncias psicoativas pode agravar condições mentais preexistentes ou desencadear novos transtornos. Os principais efeitos incluem:

Transtornos psicóticos: como alucinações, delírios, paranoia intensa e pensamento desorganizado — mais frequentes com o uso de anfetaminas, cocaína e cannabis. Pessoas com predisposição à esquizofrenia são especialmente vulneráveis.

Transtornos de humor: como depressão e bipolaridade, associados ao uso abusivo de álcool, opioides e estimulantes, que interferem nos sistemas de regulação de humor do cérebro.

Transtornos de ansiedade: provocados especialmente por estimulantes e cannabis. Os sintomas incluem nervosismo, inquietação, paranoia e ataques de pânico, especialmente durante a abstinência.

Déficits cognitivos e neurológicos: o uso crônico pode prejudicar funções como memória, concentração, coordenação motora e raciocínio. Também pode causar danos cerebrais permanentes, dificultando a recuperação.

O consumo prolongado de drogas está associado a um aumento significativo de comportamentos autodestrutivos, como tentativas de suicídio, automutilação e envolvimento em situações perigosas. Isso ocorre por causa das alterações no funcionamento emocional e neuroquímico do cérebro.

"A prevenção, a educação e o tratamento emergem como ferramentas cruciais para mitigar os prejuízos causados pelo uso de drogas, buscando não apenas proteger a saúde individual, mas também promover comunidades mais seguras e resilientes."
(Divisão de Prevenção Psicológica – DPREP, 2020, p. 6)

A identificação precoce dos sinais de dependência e o acesso ao tratamento adequado podem fazer uma enorme diferença na vida dos usuários. O apoio psicológico, a inclusão social e o acompanhamento médico são fundamentais para interromper o ciclo da dependência e reconstruir a qualidade de vida.

Perspectivas Terapêuticas e Futuras Pesquisas

Nos últimos anos, diversos estudos clínicos têm revelado que algumas substâncias psicoativas, tradicionalmente vistas como perigosas, podem ter potencial terapêutico significativo quando utilizadas de forma controlada, ética e supervisionada.

Falar sobre os avanços na aplicação terapêutica dos alucinógenos, sem preconceitos, pode beneficiar significativamente a sociedade, especialmente em relação ao tratamento de transtornos psicológicos e físicos de difícil manejo. Contudo, é fundamental ressaltar que os estudos ainda estão em fase inicial e seguem protocolos rigorosos de segurança e qualidade, visando à validação científica dos resultados.

Além de observar os efeitos clínicos, as pesquisas também documentam os possíveis efeitos colaterais e impactos a curto e longo prazo na saúde física e mental dos pacientes. Isso permite construir uma base sólida de evidências que sustente o uso terapêutico responsável e bem regulamentado dessas substâncias.

Meta-análises e revisões sistemáticas: avaliam os dados já disponíveis, consolidando resultados e identificando padrões consistentes de eficácia ou risco.

Pesquisas observacionais: acompanham pacientes em contextos reais de uso terapêutico, fornecendo insights sobre efeitos adversos, aderência ao tratamento e eficácia prática.

Diretrizes clínicas: são desenvolvidas a partir dos dados reunidos, com o objetivo de padronizar protocolos de uso e maximizar os benefícios terapêuticos.

O uso de alucinógenos em terapias assistidas tem ganhado destaque na comunidade científica, especialmente pelos efeitos positivos reportados em pacientes com depressão resistente, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), ansiedade e dependência química.

“Entretanto, é preciso assegurar que o uso de psicodélicos com fins terapêuticos seja realizado por profissionais com capacitação em treinamentos especializados, garantindo a segurança e eficácia da prática, mas sem afetar a liberdade dos usos tradicionais.” (Vecchia et al., 2023, p. 1)

Substâncias em estudo

Psilocibina: alucinógeno natural presente em cogumelos. Pesquisas indicam efeitos positivos no tratamento da depressão, ansiedade em pacientes com câncer, TEPT e vícios.

LSD (ácido lisérgico): substância sintética com intensos efeitos psicodélicos. Estudos apontam seu uso potencial em dores de cabeça crônicas, ansiedade e alcoolismo.

DMT (dimetiltriptamina): alucinógeno potente encontrado em plantas utilizadas em rituais indígenas. Está sendo investigado para o tratamento de depressão e traumas emocionais.

Terapia assistida

Essas terapias são realizadas em ambientes clínicos controlados, sob supervisão profissional, e buscam promover:

- Suporte emocional durante a experiência psicodélica
- Reflexões profundas (insights) sobre padrões de pensamento
- Reestruturação emocional e mental

Após a experiência, é comum que os pacientes participem de sessões de acompanhamento coletivo, o que contribui para o fortalecimento emocional, a criação de vínculos e o sucesso no processo de recuperação.

“Cada vez mais estamos tendo acesso a resultados promissores quanto à integração das substâncias psicoativas para o tratamento terapêutico dos pacientes.” (Vecchia et al., 2023, p. 1)

Pesquisas realizadas por autores como Andersson, Persson e Kjellgren (2017), Carhart-Harris et al. (2018), Majic, Schmidt e Gallinat (2015) e Rucker, Iliff e Nutt (2017) têm apresentado evidências promissoras sobre a eficácia do uso de psicodélicos em contextos terapêuticos, especialmente em casos em que os tratamentos convencionais não apresentam resultados satisfatórios. Esses estudos abrem caminhos para o desenvolvimento de novos paradigmas no tratamento de doenças como:

Depressão resistente; Ansiedade generalizada e existencial; Dependência química; Enxaqueca e cefaleia em salvas; TEPT (transtorno de estresse pós-traumático). A continuidade dessas pesquisas, com rigor científico e supervisão ética, é essencial para que se estabeleçam protocolos seguros, regulamentados e acessíveis, respeitando a diversidade de contextos culturais e clínicos em que essas substâncias podem ser utilizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a ampla variedade de drogas alucinógenas e suas diferentes aplicações ao longo da história, seja em contextos religiosos, medicinais, recreativos ou terapêuticos, é essencial reconhecer tanto seus potenciais benefícios quanto os riscos associados ao seu uso. Essas substâncias têm demonstrado resultados promissores no tratamento de transtornos psicológicos resistentes, como a depressão grave, o transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), a ansiedade e a dependência química. No entanto, seu uso terapêutico exige cautela, regulamentação rigorosa e supervisão médica especializada, especialmente porque ainda estão sendo avaliadas em contextos clínicos e científicos.

Além disso, é fundamental destacar a importância de respeitar e proteger os usos tradicionais e culturais dessas substâncias, particularmente em comunidades indígenas. Práticas ancestrais envolvendo plantas psicoativas fazem parte de sistemas de conhecimento complexos e devem ser preservadas com dignidade, evitando a apropriação indevida ou a exploração comercial dessas tradições. O futuro do uso terapêutico dos alucinógenos depende do equilíbrio entre: Pesquisa científica rigorosa, que avalie com seriedade os efeitos e limitações dessas substâncias; Regulação ética, que proteja os indivíduos e a sociedade de riscos e abusos; Respeito às tradições culturais, que valorize os saberes originários e preserve a diversidade de abordagens terapêuticas; Educação e conscientização, para que o debate sobre o tema ocorra de forma madura, embasada e livre de estigmas.

Portanto, os alucinógenos não devem ser compreendidos apenas como substâncias ilícitas ou perigosas, mas como ferramentas potentes e ambíguas, que exigem responsabilidade, conhecimento e sensibilidade. Seu uso consciente, seja no campo médico ou cultural, pode contribuir significativamente para avanços na saúde mental, para o reconhecimento de saberes tradicionais e para a construção de políticas públicas mais humanas e inclusivas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Stella Pereira et al. Histórico, efeitos e mecanismo de ação do êxtase (3-4 metilenodioximetanfetamina): revisão da literatura. *Ecstasy*, [s. l.], p. 7-14, 2000.

ANDERSSON, M.; PERSSON, M.; KIELLGREN, A. Psychoactive substances as a last resort: a qualitative study of self-treatment of migraine and cluster headaches. *Harm Reduction Journal*, Londres, v. 14, n. 1, p. 60-70, set. 2017.

BULGÁKOV, Mikhail. *Anotações de um jovem médico*. Drogas, [s. l.], p. 38, 1925.

CÂNDIDO, Gustavo da Silva et al. Uso de estimulantes do sistema nervoso central por estudantes de saúde do Sertão de Pernambuco. *Estimulantes*, [s. l.], p. 1-12, 2021.

CARVALHO, César. Contracultura, drogas e mídia. *Drogas*, [s. l.], 2002.

CASAGRANDE DE ARAÚJO, Frederico Fonseca et al. Drogas: uma análise histórica, social e contextual das políticas proibicionistas e de seus impactos sociais. *Drogas*, São Mateus, p. 14, 2018.

CRIPPA, J. A. S.; ZUARDI, A. W.; HALLAK, J. E. C. Uso terapêutico dos canabinoides em psiquiatria. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 32, supl. 1, p. 556-566, maio 2010.

FERIGOLO, Maristela et al. *Cocaína*. [s. l.], v. 1, p. 2-14, 2007.

FAB, Mil. *Programa de Valorização da Vida - Módulo II: Prevenção do uso indevido de álcool, tabaco e outras substâncias psicoativas*. [s. l.], p. 1-8, 2017.

GOMES, Alisson. *Drogas psicotrópicas*. [s. l.], p. 7, 2004.

HOFMANN, Albert. *LSD – Minha criança problema*. Suíça: [s. n.], 1980.

IVERSEN, L. Cannabis and the brain. *Brain*, v. 126, p. 1252-1270, 2003.

LOPES, L. Pablo Escobar e o Cartel de Medellín – Leonardo Lopes. Disponível em: <https://www.leonardolopes.com.br/pablo-escobar-e-o-cartel-de-medelin/>. Acesso em: 10 out. 2024.

MATYSZAK, P. A verdade sobre o abuso de drogas na Antiguidade, revelada pela ciência. *BBC News Brasil*, 19 out. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50110142>. Acesso em: 10 out. 2024.

METZGER, Martin. *Neurotransmissores e seus receptores*. [s. l.], p. 1-70, 2009.

MORENO, Ricardo Alberto et al. Psicofarmacologia de antidepressivos. *Antidepressivos*, [s. l.], v. 1, ed. 1, p. 7-35, 1999.

MOURAD, Amoni M. Diferença entre o uso da Cannabis, Canabidiol e THC. *Cannabis*, [s. l.], p. 3-20, 2014.

OLIVEIRA, Katryne Gonçalves et al. Alucinógenos: toxicologia e bases fisiológicas. *Revista Saúde em Foco*, ed. 13, p. 1-15, 2021.

O'MALLEY, G. F.; O'MALLEY, Rika. Opioides. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt/casa/assuntos-especiais/entorpecentes-e-intoxicantes/opioides>. Acesso em: 10 out. 2024.

QUEIROZ, Regina Helena Costa. Toxicologia: heroína. *Heroína*, [s. l.], p. 3-15, 2020.

RELATÓRIO Mundial sobre Drogas 2023 do UNODC alerta para a convergência de crises e contínua expansão dos mercados de drogas ilícitas. Disponível em: <https://www.unodc.org/unodc/pt/press/releases/2023/June/relatorio-mundial-sobre-drogas-2023-do-unodc-alerta-para-a-convergencia-de-criises-e-continua-expansao-dos-mercados-de-drogas-ilicitas.html>. Acesso em: 10 out. 2024.

SERVIN, Elizabeth et al. A crise mundial de uso de opióides em dor crônica não oncológica: causas e estratégias de manejo e relação com o Brasil. *Alucinógenos*, Curitiba, v. 3, ed. 6, p. 1-35, 2020.

SILVEIRA, Camila Magalhães et al. Dependência do álcool: aspectos clínicos e diagnósticos. *Álcool*, [s. l.], p. 71-85, 2013.